

ESPECIAL

REDESCOBRINDO O BRASIL

Na aldeia Apucarantina, no Paraná, os kaingangs preservam algumas tradições, enquanto outras permanecem apenas na memória dos mais velhos. Também incorporam alguns conhecimentos do homem branco. Terceira etnia indígena em população, os

kaingangs estão na 58.ª reportagem da série que celebra os 500 anos do Descobrimento, como mostram a repórter Andréa Portella e o repórter fotográfico L.C. Leite. Na edição passada, sobre as capelinhas de Vieiras, faltou o crédito das fotos, de Celso Junior.

ANDRÉA PORTELLA

APUCARANINHA – A reunião foi rápida. Durou uns 20 minutos. Quando os brancos tentaram argumentar, mostrando os lucros que traria a instalação de uma das usinas hidrelétricas no Rio Tibagi, os índios não quiseram escutar mais nada. Em kaingang, disseram que não queriam negociar e saíram da sala, deixando as autoridades perplexas e falando sozinhas.

O encontro qual se pretendia obter a aprovação da aldeia kaingang de Apucarantina – na região de Londrina, norte do Paraná – para a construção de uma hidrelétrica que inundaria parte da reserva indígena ocorreu há um mês e impressionou os que presenciaram a negativa veemente dos índios.

O cacique Juscelino, eleito há quatro anos para representar a aldeia, conta que a decisão foi difícil, tomada depois de muita conversa. “No começo, a gente achava que era bom esse negócio”, diz. “Eles prometiam fazer muitas coisas boas, iam ajudar na agricultura, fazer um mini-hospital e a gente ia ter uma porcentagem.” Essa impressão foi mudando com a visita de membros de outras aldeias.

“Vieram uns lá de Itaipu e contaram que eles sofreram muito”, lembra. “O pessoal daqui pressionou e disse que agora a lei é diferente, que a gente ia receber tudo, mas ninguém acreditou.”

Os índios, diz Juscelino, conhecem muito bem o significado da terra que ia submergir sob as águas do Tibagi, um dos três rios que cortam a aldeia. “A atingir a mata nativa, onde estão os nossos peixes e os nossos bichos.”

Haveria também uma perda de parte das raízes dos kaingangs. “Ali (nas margens do rio) tem uma história muito bonita, dos nossos avós, que nasceram e morreram lá”, diz. “A gente achou que era bom preservar isso.”

Resistência – Tida por alguns como uma impressionante demonstração de resistência cultural, o “não” dos kaingangs foi dito num tempo em que já não há muito a perder. Hoje, eles vivem entre o que restou de suas tradições e alguns sonhos de consumo. Estão divididos entre a necessidade de repetir alguns rituais antigos e a vontade de ganhar a cidade grande.

A aldeia Apucarantina fica a 78 quilômetros de Londrina. Para chegar lá, é preciso percorrer um caminho difícil. Os acessos à reserva têm todos um grande trecho de estrada de terra. Pelo caminho, ondas de poeira avermelhada vão cobrindo os carros, dificultando a visão e tingindo a pele e as roupas.

A área onde estão os índios tem 5.574 metros quadrados. As casinhas – algumas de alvenaria, outras de pau-a-pique – estão espalhadas pela reserva, mas a maioria fica perto do posto da Funai, logo na entrada.

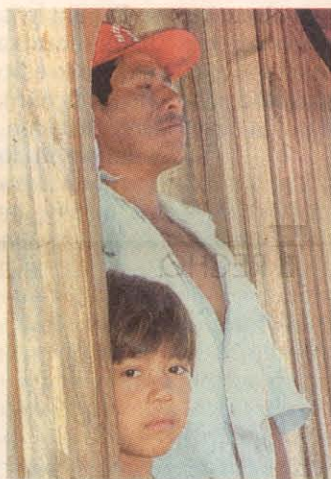
Perto dali também estão a igreja, a enfermaria e a escola da aldeia. A primeira impressão é triste: a maioria deles vive em condições miseráveis, em habitações simples e sujas.

Embora o contato com os brancos não seja nem novidade nem raridade há muito tempo, quem chega ainda é alvo de olhares desconfiados, assustados, ligeiramente curiosos. Nem todos falam português. Com a maioria, a conversa só é possível por meio de alguém capaz de produzir o kaingang. Mas muitos não querem nem saber de conversa com brancos. As mulheres dificilmente falam sem a autorização dos maridos



Cachoeira na área kaingang, no norte do Paraná: construção de hidrelétrica, que inundaria parte da reserva, foi vetada pelos índios

Índios de Apucarantina vivem entre tradições e sonhos



Aristide Pereira na aldeia



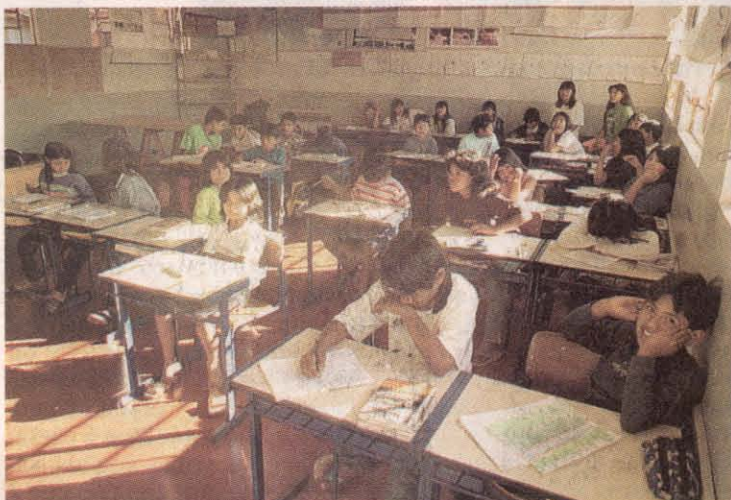
Índios aprendem desde criança os segredos da lavoura de milho, arroz e feijão



Elenice Vergílio, filha do cacique Juscelino



Selestina, que fabrica cestas de bambu em Apucarantina



Crianças aprendem português na escola da reserva indígena

ou de um dos homens da casa. Na escola da aldeia, os jovens começam a estudar numa cartilha em kaingang. Antes de passarem ao que equivale à 3.ª série do 1.º grau, enfrentam um ano de “transição”, no qual se preparam oralmente para começar a aprender o português. Rosângela Maria Santana é uma das professoras. Ela deixou o município de Tamarana, a alguns quilômetros da reserva, há sete anos, para ensinar aos índios a língua portuguesa. “A maior facilidade deles é para desenhar”, conta, mostrando alguns trabalhos. “As vezes,

você só descobre que eles entenderam olhando os desenhos.”

De pai para filho – Embora muita coisa tenha se perdido em séculos de contatos e confrontos com os homens brancos, algumas tradições são passadas de pai para filho. Hoje em dia, as mães ainda ensinam as filhas a tecerem cestos – praticamente, a única fonte de renda dos índios, vindos de um centro cultural em Londrina – e os pais levam os filhos para as roças para transmitir os conhecimentos sobre a lavoura. O modo de caçar e pescar ou

os rituais que envolviam a gravidez já fazem parte apenas das histórias contadas pelos mais velhos. “Antes o índio não trabalhava tanto, só plantava pra comer”, relembra Antônio, de 60 anos, que nasceu em Apucarantina. “Hoje, tem de sobrar pra vender e tem trator pra plantar pro índio.” As lavouras dos kaingangs têm, basicamente, milho, arroz e feijão.

Antônio é do tempo em que aquela terra tinha muito palmito, pintado, jai e os índios gostavam mesmo era de viver no meio do mato. “Agora, o índio tá acostumado com luz e com geladeira e quer comprar carro.” Dulcinéia tem 16 anos e sonha ter um Gol, embora não faça a mínima idéia de como se dirige um carro. “Eu vi um na cidade”, explica a jovem, que adora passar batom vermelho e ver o programa do Ratinho na TV.

A irmã dela, Marina, de 25 anos, também tem sonhos cons-

truídos nas visitas a Londrina. “Meu sonho é uma casa boa, com móveis bons, igual às casas dos brancos, mas eu não quero sair da aldeia.” Dos rituais dos tempos da avó, ela mantém o hábito de fazer “comida de índio”, usando milho socado no pilão. Mas conta que também sabe fazer macarronada, com “cebola e tomate”. Do uso que as mulheres faziam das plantas para se embelezar, Marina sabe pouco. “Gosto de usar gel no cabelo.”

Craques – Entre os homens, o futebol é tão popular como em qualquer outro canto do País. A aldeia tem dois campos para os jogos e cinco times, incluindo uma equipe feminina, além de uma escolinha de futebol. A equipe principal disputa campeonatos com as fazendas

vizinhas. “A gente nunca chega na final”, confessa o cacique Juscelino. “O time fica sempre em terceiro lugar.” Segundo o chefe da aldeia, os únicos desentendimentos entre os índios ocorrem durante as partidas. “É muito difícil um índio estranhar outro”, afirma, explicando que ele é o responsável por eventuais punições na reserva.

O maior problema, de acordo com Juscelino, são as brigas entre casais. “Eu vou lá, falo para eles tentarem consertar as coisas”, diz. “Dá muito problema porque, às vezes, as mulheres não querem separar dos homens.” Uma das regras de convivência na aldeia, porém, não pode ser quebrada. “Ou fica junto ou separa”, explica. “Não pode ficar brigando e voltando com a mesma mulher.” Se isso acontece, o casal é submetido a um castigo: ficar, pelo menos, dois dias trancado junto na cadeia da reserva indígena.

Os kaingangs são hoje a terceira etnia indígena em população no País e estão espalhados pelos Estados do Sul e por São Paulo. Em Apucarantina há 1.300. Em 1991, eram cerca de 400. Da população da aldeia, 60% são mulheres e 50% dos índios têm menos de 14 anos.

Há também na aldeia alguns brancos com “alma de índio”. Pedemar Maraguara Poram, é amazonense, tem 88 anos, e vive entre os kaingangs. Diz que tem afinidades com o modo de viver e de pensar dos índios. “O mais importante para o índio é o lugar onde ele está e o dever de lutar para deixar alguma coisa para as crianças.” Ele ficou orgulhoso da decisão sobre a usina. “Quem quer saber o que nós íamos ganhar?”, pergunta. “E o que nós íamos perder?”

Única fonte de renda é a venda de artesanato

Balaios, peneiras e cestos são vendidos em centro cultural em Londrina

Avenda do artesanato produzido na aldeia kaingang de Apucarantina é, praticamente, a única fonte de renda dos índios. Balaios, cestos e peneiras de diversos tamanhos são produzidos até hoje pelas mulheres, quase como antigamente. Os produtos são vendidos num centro cultural de Londrina, inaugurado no ano passado.

Taquara do mato (usada para as peças maiores) e criciúma (utilizada para os cestos pequenos) continuam sendo as matérias-primas. O colorido das tirinhas, porém, já não é mais dado por plantas que tinham as peças de vermelho. Hoje, os índios usam tintas compradas na cidade.

Os homens limitam-se a ir buscar no mato o material para a produção. As mulheres tecem caprichosamente as peças.

As famílias da aldeia revendam-se no centro cultural em períodos de 15 dias para vender sua produção. Alguns, entretanto, mudam de caminho e perdem-se por Londrina, em busca de uma vida parecida com a dos brancos. Numa rua da cidade, um índio, que virou morador de rua, estava caído na calçada. Num outro lugar, uma índia trabalhava como catadora de papel.

“Sabão, pó de café” – O espaço cultural tem sete casas de pau-a-pique – semelhantes a algumas da reserva indígena – que são ocupadas pelos índios e podem ser visitadas pelos turistas. “A muié gosta de fazer trança, né?”, conta o índio Aparício, que vendia balaios na semana passada, ao lado da mulher, Nair. “Então, nós vem e negocia com os brancos.” Ele diz que o centro recebe muita gente interessada no trabalho artesanal.

Uns gostam dos índios. Outros nem tanto, segundo Aparício. “Tem alguns que gostam e até dão umas coisas pra nós comer”, afirma. “Outros a gente vê que ficam falando mal de longe.”

A índia Natália, que diz ter uns 60 anos, “mais ou menos”, acha bom vender balaios para trocar por coisas “de branco”. “Sabão, pó de café”, vai enumerando ao falar de seus planos para o dinheiro que deveria receber com a venda das peças que produziu.

Menos à vontade na cidade, a índia Aparecida fala pouco, de maneira quase monossilábica. Depois de muito tempo de conversa, conta o motivo. “Tenho medo”, diz, baixinho. De quê? “Medo de ladrão.” Há algum tempo, ela foi assaltada em Londrina e perdeu os R\$ 50,00 que havia juntado com a venda do artesanato. (A.P.)

Andréa Portella passa a participar da série Redescobrimdo o Brasil. Formada em jornalismo pela Universidade Metodista, ela é repórter do Estado desde março de 1997. Trabalhou no suplemento *Seu Bairro* e, em abril de 1998, foi transferida para o caderno *Cidades*. Participou do Curso Intensivo de Jornalismo Aplicado, promovido pelo Estado e a Fundação Casper Libero, em 1996.

